A Santa Sé

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO
PARA O 108º DIA MUNDIAL DO MIGRANTE E DO REFUGIADO 2022

(25 de setembro de 2022)

Construir o futuro com os migrantes e os refugiados

«Não temos aqui cidade permanente, mas procuramos a futura» (*Heb* 13, 14)

Queridos irmãos e irmãs!

O sentido último da nossa «viagem» neste mundo é a busca da verdadeira pátria, o Reino de Deus inaugurado por Jesus Cristo, que terá a sua plena realização quando Ele voltar na glória. O seu Reino ainda não alcançou a perfeição, mas já está presente naqueles que acolheram a salvação. «O reino de Deus está em nós. Embora escatológico, sendo o futuro do mundo, da humanidade, ao mesmo tempo já se encontra em nós» [1].

A cidade futura é uma «cidade bem alicerçada, cujo arquiteto e construtor é o próprio Deus» (*Heb* 11, 10). O seu desígnio prevê uma intensa obra de construção, na qual todos nos devemos sentir pessoalmente envolvidos. Trata-se dum meticuloso trabalho de conversão pessoal e transformação da realidade, para corresponder cada vez mais ao plano divino. Os dramas da história vêm lembrar-nos quão longe estamos ainda de conseguir a nossa meta, a Nova Jerusalém, «a morada de Deus entre os homens» (*Ap* 21, 3). Mas isso não é motivo para desanimarmos. À luz do que aprendemos nas tribulações dos últimos tempos, somos chamados a renovar o nosso compromisso a favor da construção dum futuro mais ajustado ao desígnio de Deus, a construção dum mundo onde todos possam viver em paz e com dignidade.

Nós «esperamos uns novos céus e uma nova terra, onde habite a justiça» (*2 Ped* 3, 13). A justiça é um dos elementos constitutivos do Reino de Deus. Na busca quotidiana da vontade divina, aquela deve ser edificada com paciência, sacrifício e determinação, a fim de que todos os que

tiverem fome e sede dela sejam saciados (cf. *Mt* 5, 6). A justiça do Reino deve ser entendida como a realização da ordem divina, do seu desígnio harmonioso, segundo o qual, em Cristo morto e ressuscitado, toda a criação volta a ser «coisa boa» e a humanidade «coisa muito boa» (cf. *Gen* 1, 1-31). Mas, para reinar esta maravilhosa harmonia, é necessário acolher a salvação de Cristo, o seu Evangelho de amor, para que sejam eliminadas as desigualdades e discriminações do mundo presente.

Ninguém deve ser excluído. O plano divino é essencialmente inclusivo e coloca, no centro, os habitantes das periferias existenciais. Entre estes, há muitos migrantes e refugiados, deslocados e vítimas de tráfico humano. A construção do Reino de Deus é feita *com eles*, porque, sem eles, não seria o Reino que Deus quer. A inclusão das pessoas mais vulneráveis é condição necessária para se obter nele plena cidadania. Com efeito, diz o Senhor: «Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo» (*Mt* 25, 34-36).

Construir o futuro com os migrantes e os refugiados significa também reconhecer e valorizar tudo aquilo que cada um deles pode oferecer ao processo de construção. Apraz-me ver esta abordagem do fenómeno migratório numa visão profética de Isaías, onde os estrangeiros não aparecem como invasores e devastadores, mas como trabalhadores cheios de boa vontade que reconstroem as muralhas da nova Jerusalém, a Jerusalém aberta a todas as nações (cf. *Is* 60, 10-11).

Na mesma profecia, a chegada dos estrangeiros é apresentada como fonte de enriquecimento: «para ti afluirão as riquezas do mar, e a ti virão os tesouros das nações»(60, 5). Efetivamente, a história ensina-nos que a contribuição dos migrantes e refugiados foi fundamental para o crescimento socioeconómico das nossas sociedades; e continua a sê-lo hoje. O seu trabalho, capacidade de sacrifício, juventude e entusiasmo enriquecem as comunidades que os acolhem. Mas esta contribuição poderia ser bastante maior se fosse valorizada e apoiada através de programas específicos. Trata-se dum potencial enorme, pronto a expressar-se, se, para tal, lhe for dada a possibilidade.

Os habitantes da nova Jerusalém – profetiza ainda Isaías – mantêm as portas da cidade sempre abertas de par em par, para que possam entrar os forasteiros com os seus dons: «As tuas portas estarão sempre abertas, não se fecharão nem de dia nem de noite, para te trazerem as riquezas das nações» (60,11). A presença dos migrantes e refugiados constitui um grande desafio, mas também uma oportunidade de crescimento cultural e espiritual para todos. Graças a eles, temos a possibilidade de conhecer melhor o mundo e a beleza da sua variedade. Podemos amadurecer em humanidade e, juntos, construir um «nós» maior. Na disponibilidade recíproca, geram-se espaços de fecunda confrontação entre visões e tradições diferentes, que abrem a mente para

novas perspetivas. Descobrimos também a riqueza contida em religiões e espiritualidades que desconhecíamos, e isto incentiva-nos a aprofundar as nossas próprias convicções.

Na Jerusalém das nações, o templo do Senhor torna-se mais belo com os dons que chegam de terras estrangeiras: «Os rebanhos de Quedar reunir-se-ão à tua volta, e os carneiros de Nebaiot estarão ao teu dispor; serão apresentados no meu altar, como vítimas agradáveis, e glorificarei o templo com o esplendor da minha glória» (60, 7). Nesta perspetiva, a chegada de migrantes e refugiados católicos dá nova energia à vida eclesial das comunidades que os acolhem, pois frequentemente são portadores de dinâmicas revigoradoras e animadores de celebrações cheias de entusiasmo. A partilha de expressões de fé e devoções diversas constitui uma ocasião privilegiada para viver mais plenamente a catolicidade do povo de Deus.

Queridos irmãos e irmãs, especialmente vós, jovens! Se queremos colaborar com o nosso Pai celeste na construção do futuro, façamo-lo juntamente com os nossos irmãos e irmãs migrantes e refugiados. Construamo-lo hoje, porque o futuro começa hoje e a partir de cada um de nós. Não podemos deixar para as próximas gerações a responsabilidade de decisões que é necessário tomar agora, para que o desígnio de Deus sobre o mundo se possa realizar e venha o seu Reino de justiça, fraternidade e paz.

Oração

Senhor, tornai-nos portadores de esperança,
para que, onde houver escuridão, reine a vossa luz
e, onde houver resignação, renasça a confiança no futuro.

Senhor, tornai-nos instrumentos da vossa justiça,
para que, onde houver exclusão, floresça a fraternidade
e, onde houver ganância, prospere a partilha.

Senhor, tornai-nos construtores do vosso Reino
juntamente com os migrantes e os refugiados
e com todos os habitantes das periferias.

Senhor, fazei que aprendamos como é belo
vivermos, todos, como irmãos e irmãs. Amen.

Roma, São João de Latrão, 9 de maio de 2022.

FRANCISCO

[1] S. João Paulo II, *Discurso na visita à Paróquia romana dos Santos Francisco de Assis e Catarina de Sena, Patronos da Itália*, 26 de novembro de 1989.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana